



54

EXPOSICION



# CRÓNICA

*Masculina*



MÁRIO DE AGUIAR apresenta

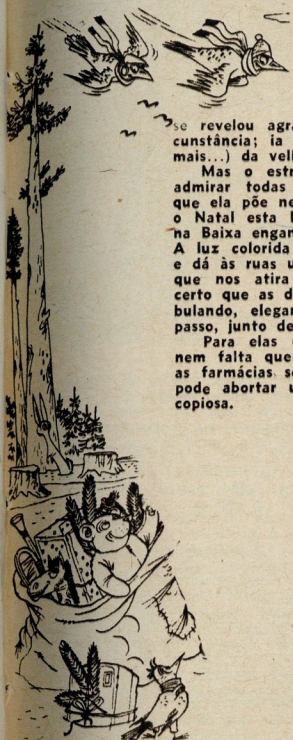
# CRÓNICA Masculina

N.º 5 — 5-I-1957

Director e Editor: RUI COSTA

Redacção e Administração: Rua Saraiva  
de Carvalho, 207 — Telefones: 66 86 39  
e 66 86 84 — Propriedade de ACUIAR  
& DIAS, LDA. — (Composto e impresso  
nas oficinas da E. N. P. (Anuário  
Comercial de Portugal)

Todos os sábados



## DE HOMEM PARA HOMEM

**U**M turista ilustre que há pouco, nos visitou, transmitiu-nos esta impressão, à despedida: Lisboa é tão formosa que nem precisa de flores para se alindar».

Não foi por mera cortesia que o nosso hóspede se revelou agradado. Nos seus olhos não havia um sorriso de circunstância; ia todo o feitiço que se espalha pelas sete colinas (ou mais...) da velha urbe menina.

Mas o estrangeiro, que nos visitou em pleno verão, não pôde admirar todas as graças da cidade feiteiceira. Não viu o carmin que ela põe nem o perfume que rescende nesta quadra festiva. Com o Natal esta Lisboa galante assume ainda mor garridice. Sobretudo, na Baixa enganala-se e ilumina-se; toma o ar estranhamente sedutor. A luz colorida e faiscante dos estabelecimentos trespassa os cristais e dá às ruas um aspecto de féerie maravilhosa. E o espectáculo que que nos atrai aos olhos adquire tanta mais fascinação quanto é certo que as donzelas e as damas percorrem essas vias lácteas deambulando, elegantes, pelo Xadrez dos passeios e detendo-se, a cada passo, junto de cada montra.

Para elas (e para nós) não há escaparates sem interesse. Até nem falta quem afirme que, neste dias que se finam com os Reis, as farmácias se mostram mais atraentes, pois é bom saber como se pode abortar uma gripe e o que convém tomar depois de refeição copiosa.

As montras elucidam-nos sobre o que devemos comprar; dispensam-nos de ler os anúncios e de ouvir a rádio à hora do almoço, pois exibem em rútilos invólucros os produtos que nos podem fazer falta, e indicam logo o preço.

O preço! Em questões de preço é justo reparar que no custo dos artigos expostos nas montras ninguém atenta mais do que as senhoras. Com o dinheiro nada de ironias. Quando elas saem para fazer compras, oferecem sempre, a nós, homens, uma lição muito simpática. Basta escutar as suas conversas para nos convenceremos disso. Por cada senhora, jovem ou idosa (perdão, em Lisboa não há mulheres feias nem idosas), por cada senhora, dizíamos, que compre um par de sapatos por tal preço, aparecem logo cinco senhoras que viram o mesmo modelo a preço muito mais baixo.

Isto acontece, na Baixa e na Alta. As montras concorrem para a formação económica do lisboeta. E ainda bem! Qualquer dia, os chefes de família já não sentem aflições: todas as mulheres se vão tornando verdadeiros tratados de economia aplicada — além da compreensivas esposas, que elas são.



# Campanha de 1 MILHÃO

Seguindo uma directriz que se estrutura numa organização sólida e eficiente, a «Agência Portuguesa de Revistas», pode anunciar que distribui mensalmente um milhão de exemplares, entre publicações nacionais e estrangeiras.

A meta alcançada não será ainda a conclusão do vasto programa que traçou e que, constantemente renova, na aspiração legítima de mais e de melhor. Mas os números constituem já um índice apreciável do alto objectivo que perseguem os directores da casa editora da nossa revista. Um milhão de exemplares distribuídos por mês é, incontestavelmente uma pauta abonadora do muito que eles realizaram e tentam realizar em prol da divulgação e da cultura.

«A imprensa — disse Vitor Hugo — é a imensa e sagrada locomotiva do progresso. O seu diâmetro é o mesmo diâmetro da civilização». E num país onde os governantes propugnam pela elevação moral e espiritual do povo, a «Agência Portuguesa de Revistas» pode, justamente, considerar-se parceira prestimosa e activa na efectivação do plano de cultura que o governo da Nação tem desenvolvido e faz prosseguir.

O  
Pai  
é  
"boxeur..."



Ann-Hart canta e dança, em Londres. E para aquilatarmos do êxito com que o faz, basta recordar que, em menos de uma semana, colocou-se na vanguarda das grandes artistas que trabalham na capital inglesa. Conta vinte e dois anos, os olhos são grandes e pestanudos (dizem os apaixonados que, além dessas qualidades, são castigadores e cínicos...), e tem um pai que foi boxeur muito conhecido... É aqui que está o **bulsilis** (ou **hoc opus hic labor est**, como diria o nosso letrado e conspícuo amigo Banana. Por essa razão, consta que alguns pretendentes **desceram** as escadas da residência onde ela mora, muito mais depressa do que as subiram...

A especialidade de Ann (ou, pelo menos, uma delas) é dançar atrás de uma cortina transparente; e o público só vê uma graciosa sombra em movimentos rítmicos ondulatórios. E aplaude com entusiasmo... Nós limitamo-nos a um entusiasmo recalçado. É assim que nascem os complexos...

(Vide Sigmund Freud).



## DIZEM QUE DÁ SORTE!

Quando um novo ano começa todos lhe chamam bom, na esperança de que ele seja melhor que todos os outros já passados: mais feliz, mais risonho, mais abundante nas suas dádivas.

Entre vários povos sul-americanos onde os costumes e as superstições não passam com o tempo, perdura a velha prática de soprar numa cornópia quando muda o calendário. Foi precisamente do Brasil que nos chegou esta curiosa imagem: uma linda rapariga fez emolar um cordeiro para conseguir elemento com que afugentar malefícios e imprecicar a abundância para o ano que nasceu.

## OLHOS OBLIQUOS...

— Perguntaram um dia a um diplomata japonês, de visita aos Estados Unidos, que facto o impressionara mais, entre os ocidentais. Maliciosamente (ou talvez não...) o diplomata respondeu:

— O que mais me admira é o facto de os ocidentais terem os olhos oblíquos... — resposta que deixou os americanos embatucados...

É tudo uma questão de perspectiva, e a verdade, pelos vistos, pode ser ambivalente...

Esta imagem foi recolhida na China, e pode servir para nós garantirmos que são os orientais quem tem os olhos oblíquos...

Chu Tung-shu teve o maior prazer em se deixar fotografar na companhia dos filhos.

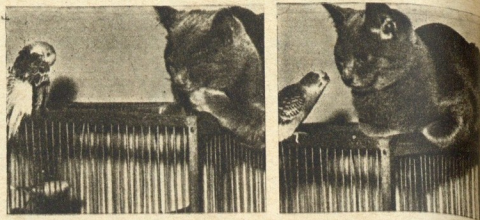
A mais velha já vai à escola, mas o miúdo contenta-se em dormir, beber o seu leite e expandir em sonoros gritos a opinião que lhe merece o mundo exterior...







## FÁBULA DOS TEMPOS MODERNOS O PERIQUITO E O GATO



1 — Estava o gato posto em sossego, gozando uns minutos de engano ledó e cego que a fortuna não deixou durar muito, quando um periquito resolveu ir catar-se junto dele...

2 — **Olá! Que é isto?** — e o espanto assaltou ambos. Era a primeira vez que se viam de perto, assim em «grande plano»... O felino, negro, lúcido, de olhar hipnótico... O periquito, de bico recurvo e plumagem garrida

3 — O gato tentou compensar o forçado despertar pela mastigação de um aperitivo leve e tão bem apresentado... Uma bicada oportuna reduziu o desejo veemente a simples aspiração...

4 — Não há nada como uma segunda tentativa, para tirar dúvidas... E o resultado foi o mesmo.

5 — **Mas que falatório o deste bicharoco!** — estranhava, apertado, o gato.

6 — **Palavra que não percebe patavina... Para onde irá esta coisa?** — continuava o felino, dando tratos de polé ao raciocínio. E, francamente, não estava a gostar da brincadeira...

7 — **Mau, mau... (miau, miau...)** — estranhou o mamífero. — **Agora metes-te comigo? É preciso descaramento... Se isto continua, acabo por me queixar à Protectora!**

8 — **E se eu me fosse embora, enquanto as coisas não se complicam?** — É o que o gato parece disposto a fazer, prevenido estranhos acontecimentos.

9 — **E então, o periquito serviu-se, inconscientemente, da arma que modernamente é considerada como de sugestão psicológica. Com a simples resolução de catar o piolho debaixo da asa, sumiu-se-lhe a cabeça!**... E o gato ainda hoje tem o pelo eriçado...

**MORALIDADE** — Deixamo-la ao critério dos nossos leitores filósofos...

## ASSIM... NÃO ADMIRA!

O senhor Guy Chassagnard resolveu fazer uma longa viagem, baseado na capacidade dos músculos (das pernas) e das rodas e demais pertences (duma bicicleta). E percorreu nada menos de seis mil quilómetros por esse processo, de Montreal a S. Francisco (para não terem de perguntar aos filhos onde ficam essas cidade, já o perguntámos aos nossos, e fomos solícitamente informados de que Montreal é no Canadá, e S. Francisco nos Estados Unidos).

Mas o amigo Guy contou sempre com um estímulo extraordinário: No princípio das etapas, durante o percurso e ao cortar a meta, as jóvens mais graciosas saíam-lhe ao caminho, enchiam os pneus (da bicicleta) e beijavam as faces (do ciclista).

Assim... não admira! Apesar de fazermos setenta anos dentro de poucos meses (ou talvez por isso mesmo) está-nos cá a parecer que também percorreríamos longos caminhos, com incentivos desse género (feminino).



## ACUDAM...!

Mesmo na idade da técnica, o homem revela-se importante ante as catástrofes naturais. Um dique que rebenta por acção das cheias ou uma torneira que se não consegue fechar — é apenas questão de perspectiva. Em ambos os casos exprimenta-se uma sensação de desespero. E quem poderá medir a intensidade do medo? Nós «pessoas crescidas» sorriamos dos pequenos problemas que afectam as crianças esquecendo-nos de que já o fomos também e que, por vezes, nos embaraçamos ante questões comezinhas.





## 5 histórias



Ao contrário do que sucede com os escoceses, não abundam os chistes que se referem a negros. Que os escoceses eram... «poupados» já nós sabemos. Mas ignorávamos absolutamente que todo o negro é ladrão de galinhas: assim o diz uma inflexível norma anedótica...

**1** Era uma noite negra como a boca de lobo e muito serena.

De súbito, parece ao dono da quinta que anda alguém na sua propriedade... Há ruídos suspeitosos... o homem pega na espingarda e grita, já com o cano fora da janela:

— Quem está no pátio?

Uma voz trémula responde:

— Só nós os franguinhos ...

**2** Hassan ben Omar, o «mais velho da localidade», escreve a seguinte carta à empresa Becker, Schultz & Companhia, de Hamburgo:

«Njambwe — Ogogo, África Oriental, 26 de Agosto de 1912.

«Amigo e Senhor: Por que não me enviaste o sabão que te encomendei? Achas que o meu dinheiro não presta? Maldito seja, Becker, Schultz & Companhia! Que os gafanhotos te comam o milho e que a mosca tsé-tsé pique os teus galos, por não me teres mandado o sabão! Teu humilde servidor, Hassan ben Omar.

**3** Um explorador fala da actual situação da África Central.

— Não se pode negar — declara — que a civilização tenha conseguido ali alguns progressos. Há trinta anos, os pais vendiam os filhos por duas ou três libras esterlinas.

— É horrível — intervem um ouvinte —

## AFRICANAS

Então, hoje, por fortuna, é impossível uma Coisa assim?

— De facto — responde o narrador — os preços baixaram muito...

**4** A mulher para o marido: — Este ano em vez de me comprares um presente caro por altura do meu aniversário, por que não me dás qualquer coisa que tu próprio faças... dinheiro, por exemplo?

**5** Certa noite, um aficionado da caça volta para a sua tenda de campanha quando lhe surge ao caminho um enorme leão. Sem perda de tempo, o caçador dispara o último cartucho, mas julgando que a distância era maior, erra o alvo. O leão calcula também mal a distância que o separa do homem e vai cair cinco metros à retaguarda, do adversário, de modo que este tem tempo de correr para o acampamento mais próximo e sair ileso da peleja.

Na manhã seguinte, o caçador, resolvido a evitar surpresas daquelas interna-se no bosque para se exercitar no tiro a curta distância. De repente, ouve um ruído muito estranho no meio do mato e vai ver o que se passa.

Era o leão que se exercita no salto curto...

DENTRO DE POUCOS DIAS

ALMANAQUE PLATEIA

1957

O ÚNICO ALMANAQUE  
PORTUGUÊS DE CINEMA



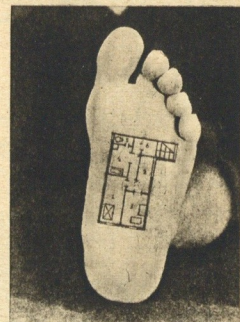
### ESTAS ÁGUIAS FORAM AGARRADAS À MÃO!

Por mais estranho que pareça, estes dois homens são especialistas em apanhar águias à mão! Escondem-se em buracos cavados no solo, colocam perto a isca viva que atrairá as majestosas aves, esperam tempo indefinido e, quando elas vão petiscar, estendem um braço e agarram-na pelas patas... Como vêem, é simples e desprovido de riscos... Contudo, parece-nos melhor que os nossos leitores não experimentem o sistema...

A águias assim apanhadas são mais facilmente vendidas, pois são muitos os estabelecimentos de ensino, ou até particulares, que se interessam em mandar embalsamar estes animais, de modo a aumentarem uma colecção curiosa, que facilita o estudo das aves.

## HÁ PÉS SEM PLANTA NENHUMA

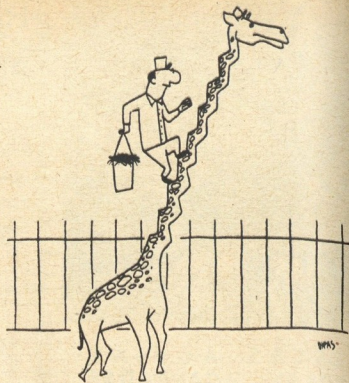
— Não é, evidentemente, o caso deste, que apresentamos com certificado de garantia... (trata-se de um pé de um arquitecto). Pois este nosso amigo resolveu



evidenciar as suas qualidades e enviou-nos esta foto, onde vemos, além da planta do pé propriamente dita, a planta de um apartamento com seis divisões, incluídas a casa de banho e o «hall». E pede-nos uma opinião: «atendendo ao facto de se tratar de uma ideia original, não poderia aproveitá-la para a imprimir nos cartões de visita?»

Para sermos sinceros, e na qualidade de amigos verdadeiros, aconselhámo-lo a que o não faça: isso seria pior do que meter os pés pelas mãos!...





— Desde que montaram antenas de televisão neste hospital nunca mais tirei uma radiografia certa.

— Como está o meu amigo?  
— Bem, obrigado! E você?



## FUGINDO A LADRÕES ARMADOS...

O povo húngaro heróico e mártir na sua luta gloriosa para varrer do solo sacrossanto da pátria ladrões armados, mais feroz e sanguinários que Ivan, o Terrível, tem encontrado no mundo ocidental um espírito de fraternal solidariedade e um refúgio suavizador de tantas e horrorosas dores sofridas. Aos que conseguem alcançar as fronteiras da libertação, fugindo aos flagelo dos russos, deparam-se-lhes manifestações de caridade cristã que são bálsamo para as feridas dolorosas que o desterro rasgou em corações dilacerados. As duas imagens que publicamos nestas páginas são bem expressivas.

Depois de incríveis peripécias da fuga nocturna de Budapeste, Erszebet Puskás e a sua filha Anika foram recebidas em Viena de braços abertos (foto acima). Como elas, também os restantes refugiados húngaros tiveram em todo o mundo livre cordial acolhimento. Oprimida pela sua aventura, uma família de refugiados magiars ajoelha-se à chegada ao aeroporto londrino e beija o solo da nova pátria (foto abaixo).







**T**ODOS nós temos as nossas regiões sensíveis, que o podem ser mais ou menos, consoante as épocas da vida.

Depois de submettem a rigorosa observação uma centena de homens, mulheres e crianças, os médicos averiguaram que 95% dos miúdos têm cócegas, que a percentagem nas mulheres se eleva a 69%, mas que nas mulheres se eleva a 94%.

Quais são os nossos pontos veis? Muitos: as regiões da garganta, o nariz, as orelhas, as virilhas, o queixo, a planta do pé, o lábio superior, a palma da mão e em geral, todas aquelas partes do nosso corpo particularmente expostas a poipes perigosos.

É assombroso verificar que o ser humano pode dominar uma sensação aparentemente incontrolável como a das cócegas. Se o leitor está aborrecido ou se se predispõe contra essa sensação, será muito difícil fazê-lo sentir cócegas.

Os garotos (de um e de outro sexo) não gostam de ser «friccionados» por pessoas que lhe infundam medo nem por aquelas que lhes não despertam algum carinho, salvo se lhe dão dinheiro para os tornarem pacientes da sua prática, isto é: do seu gosto de fazer cócegas na cútis alheia... As criaturas passivas mostram-se agrestes, e tentaram escapar-se. Mas dissipado o temor, contorcem-se de riso à menor tentativa que, os amigos de fazer cócegas esbocam para lhes coçar o corpinho.

Até aos dois meses de idade, a criança não experimenta tal sensação, mas, a partir dessa altura, as cócegas são a fonte principal dos seus sorrisos: a reacção das cócegas é um reflexo inato.

Um pediatra eminente, que se dedicou a a experiências em vários jovens, verificou que são pouquíssimos os meninos (e as meninas, claro) que permanecem insensíveis às cócegas, e a que a maioria desata a rir, antes mesmo de estabelecido o primeiro contacto da mão (ou de qualquer coisa) com a sua epiderme.

## ...CÓCEGAS?

## VOCE TEM...

Por mais surpreendente que pareça, está cientificamente demonstrado que as pessoas adultas, insensíveis às cócegas, costumam ser passivas no plano sensual.

A pele são é por natureza atreita a essas sensações e comumente se verifica que as pessoas cuja pele sofreu estragos em consequência de acidente ou queimaduras, são insensíveis a essas manipulações, embora não hajam perdido, por completo, o sentido do tacto.

Os médicos e os fisiologistas têm utilizado toda a espécie de objectos para provocar cócegas: cabelos, pedaços de cortiça, emplastros emolientes e até a corrente eléctrica. Chegaram a seguinte definição de cócegas: Reacção nervosa que costuma ser provocada por leve toque com a mão em qualquer ponto sensível e que produz uma reacção espasmódica».

Nada mais certo! Mas, no decurso das suas investigações, os médicos averiguaram também que certas pessoas reagem ao ser tocadas em certos pontos de cuja sensibilidade ninguém supeitava.

**NÓS TEMOS,  
VÓS TENDES  
ELES E...  
...ELAS TÊM**

A ciência explica sempre essas anomalias. Por exemplo, quando um dentista passa o torno pelo dente de alguém, é vulgar o paciente sentir cócegas na ponta do nariz. Isto nada tem de misterioso: a vibração do torno excita determinados nervos que, partindo dos dentes, vão parar àquilo que celebrizou Cleopatra.

Que diremos da muito particular sensibilidade das fossas nasais e dos orifícios dos ouvidos? Apenas que é utilíssima para nos advertirmos de que algum insecto se prepara para habitar o nosso interior, o que a tornar-se um facto, ser-nos-ia muito desagradável...

Acetemos, pois de bom grado, que nos façam cócegas. A facilidade de as sentirmos foi-nos outorgada pela natureza. E a Natureza é sempre perfeita em tudo.

Outro pormenor curioso: por muito que nos esforcemos, nunca conseguimos fazer cócegas a nós mesmos. Temos de deixar ou pedir a outrem que no-las faça!



**INOCENTES RESCATADOS** — Ao mundo onde se exerce o Reino de Cristo, estão a chegar todos os dias seres inocentes resgatados ao insólito inferno em que as hordas selvagens de Moscovo transformaram um país outrora sereno, risonho e pacífico. A gravura documenta a chegada a Lisboa das primeiras crianças húngaras a que a caridade portuguesa abriu os braços. Que encontrem no nosso País não só amparo de que precisam (a caridade não tem pátria) mas também os amores que perderam (o porvir da criança é obra de mãe), são os votos de todos os corações portugueses.

Alguns confortados com a atmosfera tranqüila que os acolhe já sorriem, mas neste pormenor demos a palavra ao poeta: sorrisos de criança são profecias de coração...



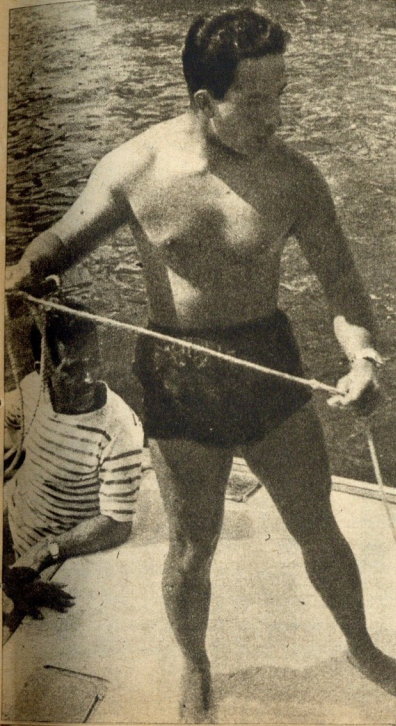
## BOA DISPOSIÇÃO

...APESAR DO PETRÓLEO!

— O príncipe Fayçal do Iraque, descendente do céebre Haroun-al-Rachid das «Mil e Uma Nonites» sempre vai arranjando tempo e disposição para se divertir a bordo de um dos seus iates, apesar dos problemas mais ou menos perolíferos que o apouquentam e que perturbam o Médio Oriente, com reflexos em todo o mundo.

Uma outra questão o preocupa, assim como aos seus súbditos: o casamento. De facto, o príncipe Fayçal chegou à idade em que deve escolher noiva para perpetuar a sua dinastia, e já os boatos começaram a correr; há quem afirme que a sua eleita será uma ocidental, mas é de crer que esta solução não agrade aos iraquianos. Portanto, deve ser uma princesa oriental, a preferida, o que evitará possíveis complicações.

Entretanto, o príncipe dedica-se aos assuntos governativos, o que não quer dizer que se não divirta um pouco, para amenizar o tempo de trabalho.





## OS CAVALOS DE ERNI

Numa galeria encantadora, em Charnig Cross — Londres — Erni apresentou os quadros de cavalos que o celebrizaram. O grande pintor suíço nunca expusera na cidade do Tamisa. Os críticos londrinos consideraram a exposição, um dos grandes acontecimentos do princípio da época. Erni é um artista feliz.

Uma exposição em Chicago, outra em New York, mais uma em Mannheim e ainda outra em Londres. As quatro ao mesmo tempo.

Os dirigentes de uma grande empresa londrina, seduzidos pelo seu famoso «Guilherme Tell», encomendaram-lhe um frescõ semelhante.



## JEAN COCTEAU... E A PINTURA!

Jean Cocteau escreve o seu último poema nas paredes de uma capela de pescadores. Como Matisse em Vence, o poeta-escritor francês quis também ter a sua igreja. Numa capela romana de Villefranche-sur-Mer, onde já não se

realizam actos de culto e que os pescadores aproveitaram para guardar os apetrechos da faina. Cocteau escreve nas paredes um «poema» em que as imagens substituem as palavras. Reservou o lugar de honra para um humilde Cristo de que é autor um condenado a prisão perpétua.

Compõe-se o «poema» de cinco frescos, que contam a vida de São Pedro, patrono dos pescadores.

Os intelectuais franceses acompanham com interesse a obra de Jean Cocteau, e os jornalistas e fotógrafos podem saciar a curiosidade de milhares de leitores...



TUDO RECLAMO!

Falava-se dela, e por isso a actriz de cinema Diana Dous resolveu ficar junto do marido, Dennis Hamilton. O actor de cinema americano Rod Steiger, cumprira a sua obrigação: um «flirt» com a Esthelee que serviu de magnífica propaganda a ambos e ao cinema. Serenados os ânimos e emudecidas as más línguas, o casal Dous Hamilton passeia pela Europa até à exibição do seu próximo filme em Hollywood. Só depois da estreia, será necessário novo reclamo. Mas até lá, os publicistas do celuloide lembrar-se-ão a ainda de qualquer outra coisa...



## BONITA E BAILARINA!

«Dizei, ó mago espelho meu, haverá no mundo alguém mais bela do que eu?» Esta pergunta do eterno feminino foi, outrora responsável por numeroso pequenos dramas particulares. Mas agora, os espelhos não falam e as beldades de toucador deixaram de consultá-los. Aliás esta formosa loira não recusa de interrogar o cristal que perdeu a voz. A sua admirável plástica prescinde das sentenças de confidentes e não consente mais opiniões. E Rosemmy Phillips, eis a graça desta jovem em que chovem graças tantas, possui outro sortilégio além das curvas sedutoras: é bailarina exímia e a sua arte tem causado assombro no pequeno Windmill Theatre, de Londres onde se exhibe todas as noites, qual filhas dilectas da Tpsicore.



# A marcha fúnebre de Chopin

**S** ABEM como foi composta essa admirável marcha fúnebre de Chopin, que arranca lágrimas aos mais indiferentes? Foi no atelier de Ziem, o pintor célebre dos canais de Veneza. Ziem, então muito jovem, tinha reunido no seu atelier alguns amigos e entre eles Chopin. Depois de uma noite passada a fumar e a beber, o artista teve a ideia de se sentar ao piano e tocar uma valsa. Mas para dar um tom macabro à cena, agarrou um esqueleto e sentou-o nos joelhos, como se fosse uma mulher amada.

Esse grupo e essa música surpreenderam bruscamente Chopin, que parecia mergulhada em profundo sono, ergueu-se de pronto, tirou ziem do piano e, sentando-se em lugar do pintor, improvisou a admirável marcha da morte, o adeus à alegria e à vida, que pouco tempo depois devia ser a marcha fúnebre que o mundo inteiro conhece.

# E O CÃO DESISTIU DOS TREINOS

Os dois atletas americanos MacDonal e Hewson tinham de completar o período de treino, em atenção aos Jogos Olímpicos de Melbourne e, com esse fim, percorriam longas jornadas em preparação intensiva. Durante cerca de 20 quilómetros, um cãozinho (sem grandes aspirações a atleta), acompanhou-os no percurso. Em determinada altura, porém, a farda vistosa de um Polícia australiano atraiu-o irresistivelmente, e resolveu acabar o treino nesse mesmo instante.

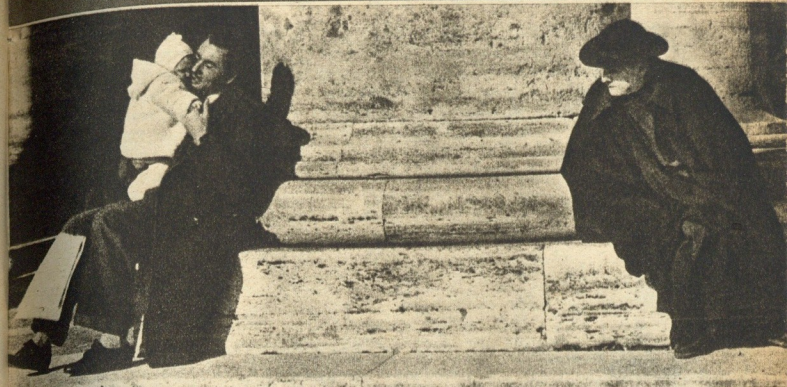
Os dois campeões desapareceram numa curva de estrada, e o Polícia conseguiu ganhar um bom amigo: o cãozito não se mostrou arredio, e tem hoje uma casota junto da vivenda do representante da autoridade.

Guardado está o cão para quem com ele há-de ficar...

Nobre germânica com predilecção pelas coisas extravagantes uma vez apareceu em público com um espartilho negro a cobri-la e o busto. Mas além desse espartilho possui numerosas e riquíssimas peças de vestuário. Tem viajado muito e quando se desloca não se vê com menos de dez malas. Foi um anjo que a ajudou a triunfar e que, de uma pequena cidade alemã a conduziu a um país onde não só as laranjas são douradas, como também os proventos....

(Resposta na pág. 29)

# Imagens para meditar...



## FELICIDADE E RENÚNCIA

Aconteceu em Roma numa tarde de outono. Os transeuntes passaram apressados, metidos consigo próprios e nem sequer se aperceberam da cena. Apenas o fotógrafo notou o caso acidental para recolher esta imagem e fixá-la no celulóide com raro vigor expressivo. Indizível momento aquele em que dois mundos se encontram junto a uma coluna de um templo raçoso da cidade eterna. À esquerda a síntese de toda a felicidade terrena: o pai que afaga carinhosamente o seu «bambino». À direita, um representante venerando da renúncia ascética para a elevação a uma vida toda espírito, um sacerdote católico que contempla o idílio... As duas imagens relacionadas são bem o espelho da alma humana — sem lugar no tempo?

## AMOR DE VIZINHOS

Bebé decidiu renunciar definitivamente à chupeta e concedê-la aos «recém-chegados». Só os gémeos compreendem o que ele, lhes balbucia, pois Bebé ainda fala por vagidos. Mas a irmãzinha fecha já os olhos na expectativa do prazer que vai auferir, e o outro gémeo aguarda confiadamente a sua vez. Espírito de renúncia, aos dois anos de idade, não é atributo de toda a gente; esta a primeira vez que Bebé abandona o seu berço para viver o mundo novo. O seu gesto altruista revela uma alma verdadeiramente nobre.



MUITO CONHECIDA  
SIM... MAS DE QUEM  
SE TRATA?



# de PEQUIM a PARIS

**E**M 1907 — já lá vão uns cinquenta anos! — todos os países do mundo acompanharam interessadíssimos o desenrolar de uma das maiores corridas automobilísticas de todos os tempos: nada menos do que um percurso PEQUIM-PARIS!

A muitos pareceu uma loucura, e as nossas imagens podem dar-lhes razão, mas a verdade é que, através dos mais inconcebíveis obstáculos, o «dona Elvira» Itala conseguiu chegar à capital francesa. Scipione Borghese e o jornalista Luigi Barzini eram os ocupantes do carro, e foram dos primeiros a inscrever-se, aceitando a ideia de um diário francês. A corrida demorou três meses — de 10 de Junho a 10 de Agosto...

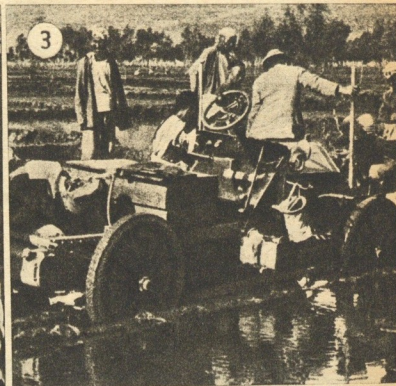
Não nos admiremos, pois, com as «volutinhas ao Marão», que as «espadas» modernas consideram grandes feitos...



1 — Partida de Pequim. Estouraram foguetes e a multidão grita entusiasmada. Este foi o início de uma aventura sensacional! 2 — A estrada era talhada na rocha e muitas vezes precisava recorrer a muitas



vezes era preciso recorrer ao auxílio dos Coolies, em manobras difíceis e morosas. 3 — Durante parte da viagem a chuva fazia com que o carro se afundasse na terra mole...



4 — Bois e coolies eram, às vezes, a única solução para problemas como este. 5 — Paris, fim da corrida: constituiu um acontecimento a chegada do «dona Elvira», recebido apoteoticamente!





## MAS QUE É ISSO? EU NÃO PRECISO DE CHAPÉU!

Mal chegou ao mundo começou a viver um drama... «Que altura tem? Quanto pesa? Falta-lhe algum dedinho?... Por fim medem-lhe a cabeça como se do seu perímetro dependesse uma futura carreira: ser pedreiro ou ser ministro» — Além disso, deviam saber «diz» este bebé encantador, que a minha «caixa de pensamentos» ainda não está formada ou melhor terá de crescer comigo. Isto não significa que eu tenha o cérebro fraco! Não, que eu afinal sou um bebé alegre. Mas não me maceem com ninharias no meu primeiro dia de vida, senão então, torno-me tristonho...



## CONSPIRADORES, HOUVE-OS SEMPRE...

Se consultarmos o grande *Larousse*, essa excelente recompilação cheia de humor... e de «experiência», encontraremos esta definição da palavra «complot»: «Desde que os homens vivem organizados em sociedade, a posse do poder tem sido objecto da cobiça de todos, por causa dos privilégios que confere e da influência que outorga àqueles que o detêm. Não há dúvida de o que o poder é algo que tenta os homens turbulentos, ambiciosos ou simplesmente inteligentes». Quer dizer: cada um de nós, forçosamente inteligente, visto que somos leitores desta revista, é um conspirador em potência e terá de se penitenciar desta... verdade.

Desconfiemos, no entanto, um pouco da definição. Contradizendo o *Larousse*, Colins escreveu: «As conspirações secretas são uma ratoeira de bobos». E Votaire acrescentou: «As figuras dos conspiradores são figuras pálidas e esqueléticas...»

De qualquer forma, tem havido (e haverá sempre) pequenos grupos de homens que se reuniram para intentar contra a ordem estabelecida. E se, hoje, os conspiradores não põem máscara no rosto, nem se envolvem numa capa cor de terra, nem por isso deixam de ser tão numerosos como dantes.

Nunca, porém, houve tantos conspiradores e tantos «complots» como durante os primeiros anos da Primeira República (francesa, claro está) dos quais um, pelo menos, triunfou: o perpetrado por um general corso chamado Bonaparte, o 18 de brumário do ano VIII.

De alguns destes «complots», do tempo dos «grandes antepassados» iremos revelar os lances pitorescos que os esmaltaram.

NUM DOS PRÓXIMOS NÚMEROS  
AS MISTIFICAÇÕES DE ALEXANDRE DUMAS

## O "TIGRE" de NOVA IORQUE



## em acção!

A América do Norte é, como sabem, o país do «basebol».

Perguntarão muitos dos nossos leitores, daqueles que nunca viram, nem sequer no cinema, jogar o referido jogo: — Mas, afinal, que é isso de... «basebol»?

Franqueza, franqueza cá pela Europa há muita pouca gente que saiba o que aquilo é. Nós próprios desconhecemos as suas regras. Sabemos apenas que lá para as Américas é o jogo das multidões, que rivaliza com o rãguebi, com o pugilismo e as corridas de cavalos em popularidade e «records» de bilheteira.

Cremos, contudo, que esse violento desporto. Só é possível praticar com êxito nos Estados Unidos. Está mais de acordo com a mentalidade, com o espírito americano do que com o dos europeus.

O «basebol» tem uma vida farta.

Os clubes estão riquíssimos, os

## A «POMBA» DA PAZ

No «ring» a luta tornava-se, assalto após assalto, mais violenta e emotiva. Na sala vibrante, entusiasmada, indiferente ao sofrimento dos pugilistas, a multidão gritava, incitava, barafustava. Em dada altura, o que se vê junto às cordas, começou a estar em dificuldade perante o ascendente do adversário. Tonto, abatido moral e fisicamente, o homem cambaleava, procurando nas cordas o refúgio de que tanto necessitava para evitar a punição cada vez mais impiedosa.

Então, o seu «manager» atirou para o «ring» a toalha, em sinal de abandono do seu pupilo.

Por capricho, a toalha descreveu no ar a figura de uma pomba — a «pomba» da paz! E foi em paz, abraçados um ao outro, que vencedor e vencido recolheram às cabinas.



jogadores ganham fortunas e o público não lhes fica atrás, pois as apostas chovem nos dias dos grandes prélíos.

Se, na Europa, o «basebol» é um desporto, por assim dizer, novo, na América do Norte há muito que atrai as multidões.

— Um dos jogadores mais célebres é Mult Bolling, o colosso que vemos em acção na imagem que reproduzimos, a quem chamam o «Tigre» de Nova Iorque e, também, o «Massacrador».

Nesta fase, Mult não desmente os apelidos porque é conhecido. E, lo, numa jogada curiosa, depois de ter atirado a terra o seu adversário Gil Mac Douglas, aplicar um violentíssimo pontapé na cabeça do árbitro do encontro.

Mas na América tudo é possível, não é verdade?





## ANAGRAMAS

Apresentamos seis grupos de três palavras, cada uma das quais composta de quatro letras. Descuberta uma delas, de acordo com o seu significado, a simples troca de letras, fornecerá outras duas, ainda de harmonia com os seus significados.

Se não atinar com todas, então, meu amigo, uma revisoazinha do léxico, ser-lhe-á muito útil.

1. a) — termina  
b) — corta o cabelo  
c) — espécie de tatu
2. a) — ave palmípeda  
b) — jogo infantil  
c) — escolhe
3. a) — peso antigo  
b) — lugar onde se vende o pexê  
c) — caule
4. a) — martelo de pau  
b) — cabeleira  
c) — entram suavemente
5. a) — praia do Norte de Portugal  
b) — sorteio por meio de bilhetes numerados  
c) — jogo de pedrinhas
6. a) — bebida usada no Peru  
b) — cor vermelho-clara  
c) — espalhar-se

RESPOSTAS NA  
PÁGINA 29



Para Jean Caudillon, a costura não tem segredos! Com 14 anos, já é célebre em Paris...

## UM COSTUREIRO DE 14 ANOS ou... de pequenino se torce o pepino!

UMA noite Jean Caudillon entrou no modesto apartamento familiar e começou a desenhar modelos de vestidos, «tailleurs» e casacos. A mãe impressionada com a força desta vocação, informou-se sobre as possibilidades de um jovem ingressar numa casa de alta costura. E num dia de primavera passada, Jean saiu da casa de Pierre Cardin muito contente. Apesar dos seus 14 anos, o costureiro aceitava-o no seu «atelier».

Agora, a moda não tem segredos para Jean Caudillon; os manequins adoram este rapazinho, as clientes querem vê-lo; os jornalistas da especialidade pedem-lhe opiniões.

Não é ainda um costureiro célebre, um oráculo da elegância, mas é a grande estrela da moda de 1957.



Os manequins gostam de trabalhar com Jean Caudillon, o «grande costureiro» de 14 anos.

## acontecimentos estranhos



### ENTRE A VIDA E A MORTE

A cabrinha seguia pelos Montes Negros do Kansas (E. U. A.), quando a criança tropeçou e se precipitou no abismo, arrastando na queda o animal para a borda do precipício.

Suspensa no vazio, a menina oscilava, desesperadamente agarrada à corda; mas o animal, bem firme nas quatro patas, num esforço tremendo, resistiu até chegarem alguns camponeses, que salvaram a garota.

### UM INCÊNDIO ESTRANHO

Um pavoroso estrondo desperçou uma noite os habitantes de Cornigliano (Itália); correram para junto da ponte do caminho de ferro que passa não muito longe da aldeia. Não estavam em perigo vidas humanas, mas lá em baixo, no fundo da torrente, uma locomotiva — que ardia entre as chamas que se erguiam altíssimas de uma se precipitara por o terreno cedido ter repentinamente larga brecha no cano condutor de óleo da firma «Permolio».

### INUNDAÇÕES TRÁGICAS

Já é conhecido de muita gente o heróico episódio da mulher que, com água até aos ombros, salvou dois filhos de morrerem afogados, mantendo-os suspensos, erguidos acima da cabeça, durante mais de duas horas. Pois bem, durante uma das últimas inundações registadas na América, verificou-se outro episódio igualmente heróico. A senhora Mabel Barlow, mãe de duas meninas, quando a inundação a surpreendeu na sua casa de campo, subiu para o telhado com as filhas e ali esperou socorro. Mas a água subia pavorosamente e ninguém se aproximava. E a infeliz mãe percebeu com terror que o telhado estava a ceder sob o peso.



— Então — contou depois uma das meninas, — a mãezinha rasgou as roupas e fez com elas uma espécie de corda, com a qual nos prendeu à chaminé; depois beijou-nos, disse-nos para não nos mexermos e atirou-se à água, desaparecendo na enchente furiosa!

Algumas horas depois, as duas meninas podiam ser salvas, graças ao sacrifício da mãe, que, atirando-se à água, evitava o desabamento do telhado — e pagara com a morte a sua abnegação.





# BANHOS NO GELO

**N**ÃO há coisa melhor que um banho de água gelada. Pelo menos é esta a opinião de muitos dinamarqueses dos nove aos noventa, os quais passam das palavras à acção. Enquanto nós nos embrulhamos em peles e lãs fofas, eles mergulham na água como quem bebe um copo da dita. E não apanham gripes nem pneumonias. O frio cura as carnes e desde que o coração e os rins estejam em ordem os banhistas (e as banhistas, também) não correm o menor perigo — afirmam eles e nós pelo que vemos das fotos somos forçados a acreditar. Afirmam os forçados mais: um banho frio todos os dias, fortalece os nervos. Talvez... mas do que não há dúvida é de que robustece os músculos do mento — por nos obrigar a bater o queixo...

**NAS FOTOS DE BAIXO:**

1) Casa Krag é eximia nadadora e por isso nem sequer na estação fria deixa de praticar o seu desporto favorito. E o sorriso que ostenta é o melhor argumento para nos fazer acreditar que os banhos no gelo proporcionam prazer inefável.

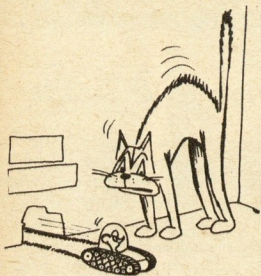
2) Em Copenhaga formou-se o clube dos partidários do banho gelado. Conta já novecentos associados e usa como divisa: «Entra-se pessimista, sai-se optimista». Será verdade? Bom, o melhor é experimentar.



## SORRISOS

a

## lápiz





# O SEGUNDO ROBINSON CROSUÉ

**A** CEITA a veracidade da sua história, Louis de Rougemont conta com grande soma de pormenores toda a odisseia vivida entre selvagens australianos. Descreve com invulgar nitidez a expedição aos bancos do coral, as circunstâncias incríveis em que alcança o novíssimo continente e as peripécias de que se torna protagonista ao tomar contacto com os indígenas (o casamento com Yamba, o festim arrepiante, o banquete dos canibais) para prosseguir aqui a narrativa da formidável aventura que viveu.



(Continuação do número anterior)

Passaram-se meses, anos... A pouco e pouco ia perdendo a esperança em que aparecesse na baía a vela de um barco europeu. As vezes, os indígenas falavam de homens brancos que vinham de muito longe trocar mercadoria com eles.

Um dia Rougemont resolveu atravessar o continente australiano em toda a sua largura. Queria encontrar europeus. Mas apenas alcançara os limites do deserto, sentiu-se apoiado pelas febres. Depois, durante meses, errou de tribo em tribo. Acabou por voltar a encontrar-se com os que o tinham acolhido pela primeira vez.

Gradualmente, ia tornando-se um autêntico selvagem: o sol da Austrália bronzeara-lhe a tez e ele vivia como eles, quase nu.

Decorridos cerca de dois anos, uma Representação dos notáveis da tribo propôs-lhe a chefia. Rougemont aceitou e começou a exercer autoridade sobre mais de quinhentas pessoas.

Mandou construir uma grande choça onde se instalou com Yamba, que lhe havia dado dois filhos: um varão e uma menina. Governava o povo com prudência. Ensinava-lhe rugbi e cricket e promovia corridas dentre homens com tartarugas gigantes no dorso. Esta era a sua distração favorita.

Durante trinta anos — de 1868 a 1898 — viveu assim entre os aborígenes australianos, até ao dia em que uma série de acontecimentos inesperados veio transformar a sua existência.

Certa manhã, quando ia ao encontro do chefe de uma tribo vizinha, viu na areia pégadas de camelo. Como os indígenas não conheciam aqueles animais, apoderou-se de Rougemont — a mais viva curiosidade. Seguindo a pista foi encontrar pouco depois os restos de uma fogueira de acampamento. Não longe dali, descobriu umas latas de conservas vazias e oxidadas e um exemplar de uma revista de Sydney, datada de 1876. Folheou febrilmente as páginas amareladas. Leu artigos que aludiam a factos dos quais nunca tivera notícia.

Inviadi-o uma espécie de vertigem: os brancos começaram a penetrar na Austrália!

Algum dia, o acaso o havia de pôr em contacto com eles. E, com efeito, uma tarde em que descia por um cerro com um grupo de nativos, divisou quatro cavaleiros cobertos por grandes chapéus sob os quais se distinguia a sua cutis branca. Prescindindo de toda a prudência, Louis de Rougemont lançou-se ao seu encontro, seguido dos seus homens, gritando até se desganiar. Os viajantes voltaram-se, apontaram as armas a ele e aos seus. Rougemont atirou-se ao solo com os seus guerreiros, enquanto os brancos se esfumavam no horizonte.

Logo reconheceu o seu erro: pintalgado como um selvagem, com plumas e pele tão morena como a deles, quem teria podido tomá-lo por um europeu?

(Continua no próximo número)



Essa jovem aí da fotografia é o espelho da fanática frequentadora de auditórios de rádio, no Brasil. Vai em busca de um abraço, de uma palavra, de um retrato, de algo que lhe dê recordações inolvidáveis dos seus ídolos de barro...

Dalva de Oliveira, considerada a "rainha da voz", examina o golpe de navalha que uma das suas admiradoras sofreu de uma fanática de outra artista. Tais casos são comuns. É o fim, é o ridículo...

## ''É O FIM, É O RIDÍCULO!...

**É** este o grito de aviso de um nosso colega brasileiro, perante os factos tristes e lamentáveis que ocorrem com tremenda regularidade nos auditórios de rádio, onde se apresentam os artistas de maior cartel. Acontecem as coisas mais inconcebíveis, com gritos, desmaios e desmandos...

E, como nestas coisas ou comem todos ou há moralidade, aqui vai o cházinho para determinado sector de público da nossa terra: durante algum tempo houve também dois artistas (um português locutor-empresário, e outro, um brasileiro que descobriu a árvore das patacas em Portugal) conseguiram

pôr toda a gente a cantar durante os espectáculos. Felizmente esse princípio de histeria colectiva foi de pouca duração, pois os espectadores repararam que, afinal, tinham não só de comprar os foguetes como de fazer a festa.

Não nos venham para cá com pretensos ares humanitários, chamando a esses fenómenos necessidades de expansão... Quem quer canta em casa, no banheiro, que não existe para outra coisa.

E então não falemos das letras idiotas. Ninguém nos diga que espairose se andar por aí aos gritos: — «Filomena, onde está o meu?»...





## FOTOGRAFIAS SURREALISTAS

Estas duas fotos tiradas em Viena na noite de 10 para 11 de Outubro passado, foram conseguidas do alto da grande roda do Prater (onde se encontra, como se sabe, um célebre Luna-Park). A da esquerda foi realizada no momento em que a roda se detém para permitir a saída aos passageiros da gôndola da extremidade inferior, a da direita, no momento em que, ao iniciar a *viagem*, a gôndola teve um movimento de báscula. Os traços luminosos são devidos a lâmpadas de alguns divertimentos, entre os quais de uma montanha russa. É, de facto, muito difícil conseguir mobilizar numa película duas vistas tão curiosas como estas, e o trabalho é da autoria de um amador de Genebra, o senhor Walter Weiser. Se os surrealistas descobrem as imagens, são capazes de nomear o senhor Weiser *sócio honorário* da corrente filosófica que defendem...



## VISÕES DE APOCALIPSE?

### NÃO SE ASSUSTE!...

**N**ÃO são seres de outro planeta, nem tão pouco produtos de imaginação exaltada; trata-se simplesmente de cientistas convenientemente protegidos para penetrar em ambientes contaminados de poeiras radioactivas.

Nada mais perigoso que os produtos e subprodutos de uma explosão atômica, seja ela produzida em larga escala, por uma bomba, ou então, por desintegrações nucleares, em experiências de laboratório.

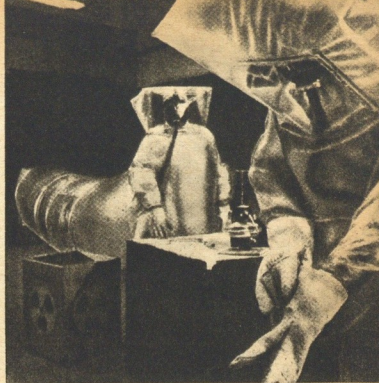
**NA FOTO DE CIMA: CALÇANDO AS LUVAS** — A parte anterior da nova roupa atômica adapta-se perfeitamente ao corpo do cientista. Introduzidas as pernas e os braços, está tudo pronto para o trabalho em ambiente nocivo à vida.



**CAUDA GIGANTESCA** — A parte posterior mostra a cauda (verdadeiro túnel de cinco metros de extensão), inflada de ar sob pressão, por onde penetra o cientista e os tubos que levam o oxigênio.

Com o intuito de proteger os técnicos que trabalham em pesquisas nucleares, a maioria das operações era executada por instrumentos de controle. No entanto, tornavam-se necessárias delicadas reparações, e, para chegar até ao aparelho avariado. Nessas conjunturas, os cientistas equipavam-se com grossas roupas, luvas e máscaras que por serem pesadas demais, impediam movimentos delicados e rápidos, dificultando as operações. Logo após o uso eram enterradas, para impedir a contaminação do ar pelas poeiras que impregnavam a roupa do pesquisador. Apesar de tudo, alguns cientistas foram vítimas de lesões.

A nova protecção é de matéria plástica — polietileno — e permite o completo isolamento do operador das poeiras mortais. A roupa apresenta um prolongamento — espécie de cauda — de 5 metros de comprimento por meio metro de largura, inflado de ar sob pressão e que comunica com o exterior. Máscaras, colocadas directamente sobre o nariz e a boca, permitem a respiração. Havendo necessidade de



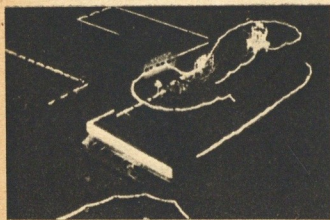
**PRONTOS PARA O TRABALHO** — Completamente envolvidos pelas estranhas roupagens, os cientistas manipulam perigosíssimas amostras de materiais radioactivos. Sem essas roupas, sofreriam as mais sérias lesões físicas.

reparações, o técnico penetra na cauda e caminha de gatas até atingir a extremidade anterior, onde adapta o corpo àquilo que constitui propriamente a roupa.

## A NOSSA CAPA

Com um bocadinho de boa-vontade e de imaginação, não é difícil encontrarmos poesia nesta capa de Natal... Caminhos longos, gélidos, paisagens nórdicas... Renas nervosas, um trote sonoro num terreno gelado... E lá chega o Pai Natal com botas forradas de pele; vestes de alegre encarnado a desafiar o vento norte... Depois disto, que apetece? Num ambiente moderado, em pleno século XX, logo ocorre uma sala confortável, com aquecimento central, e o bastante para fazer aflorar ao rosto de um viajante um sorriso bem optimista...

Mas, à falta de aquecimento central, não haverá lãta compensação num aquecimento natural? É o que nos sugere esta imagem, de uma «frescura» que «tem pena» este inverno rigoroso. E o bom do Pai Natal, como centro convergente do calor irradiado pelas simpáticas belidades, é bem um símbolo: ao calor artificial de «chauftages» devemos preferir a quentura natural dos corações...





# CURSO DE FAQUIR POR CORRESPONDÊNCIA

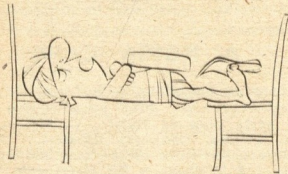
Não obstante o curso estar quase no fim, milhares de instrutores espalhados por todo o País continuam a manifestar o seu aplauso à grande iniciativa da nossa Revista.

Sobre a nossa banca de trabalho temos a prova irrefutável do muito interesse que suscitou entre o público fiel à «crônica», o curso de faquir por correspondência que vimos ministrando com a super-visão do famoso mago Schara Bey. Algumas cartas chegam a insinuar que a feliz realização do nosso magazine concorre com boa quota parte para a solução da crise do desemprego. E um leitor do Alentejo garante-nos que está habilitado a reger um curso prático na sua aldeia distante para o que nos pede que, desde já, lhe concedamos o diploma (enviemos selos e tudo...).

Mas como, por feito, permanecemos apegados a vaidades endereçamos tão lisonjeiras apreciações a Schara Bey que vai proferir a

V (E PENÚLTIMA) LIÇÃO  
SUBORDINADA AO TEMA:

A PEDRA PARTIDA



Por um instinto selvagem do tempo das cavernas que subsiste na matéria constitutiva do homem, todos nós partimos coisas. A criada parte a loiça, a sogra quebra-nos o juízo, nós a ela quebramos as boas relações do tempo em que muito cortezmente a saudávamos da rua para o quarto piso onde ela mora... Enfim levamos a vida a partir e a ver partir: o combóio que não espera por nós, os «eléctricos» que vão chelos, os amigos que vão desta para melhor — e, quando já não somos capazes de partir um prato, preparamo-nos para partir para um lugar donde não se volta.

Pois bem: os faquires partem pedras sobre o ventre. E este seu número é sem dú-

vida, um dos mais espectaculares do vasto reportório que nos apresentam.

Em estado cataléptico, (vide lição) tem os pés e a cabeça apoiados em cadeiras afastadas. Sobre o ventre, colocam uma grande pedra lisa. Então surge um compadre que, brandindo um martelo de ferreiro bate com força na pedra que se parte. Digam-vos já que a pedra é de grez e, aquecida e bruscamente esfriada a seguir, fragmenta-se com facilidade. Segundo observações: o faquir pouco ou nada sente os golpes. A inércia de massas de grez absorve quase completamente o choque. Se esta minha explicação não vos convence (embora possa jurar pela minha honra que falo verdade), fazei uma pequena experiência: colcai sobre dois copos cheios de água uma cana. A seguir com uma bengala batei no meio da cana que se partirá sem derrubar os copos.

Os cantoneiros e os calceteiros são faquires sem saber. Partem pedras na cova da mão sem sentir dor alguma. É o mesmo que sucede aos faquires.

Estão a ver o truque?

Pois, claro, o ovo de Colombo. E, agora, meus meninos, até sábado para lhes reportar sobre a

VI LIÇÃO  
A CAMA DE PREGOS

## NA CONTRA-CAPA ... E LÁ SE FOI O ANO!

Um ano passa num sopro, num tumulto de anseios irrealizados, de lutas travados por ideias que nem sempre se alcançam. A natureza humana encontra sempre novas forças para tentar uma vez mais, e outra vez ainda. Há no coração e no espírito forças insuspeitadas, em renovação contínua, capazes de alimentar todas as esperanças e de suavizar todas as derrotas. E sempre nos convencemos de que o fracasso é remediável, de que ainda vale a penas perseverar, de que nem tudo está perdido. É talvez esta a razão por que, no último dia do ano, há sempre um aproveitamento de energia optimista, cujo reigoramento sentimos essencial à prossecução da vida — e que se verifica!



## NA CONTRA-CAPA

### RITMOS MODERNOS DANÇADOS A PÉ DESCALÇO

Não somos do «contra», como dizem os amigos brasileiros. Mas há limites para tudo! Podemos reconhecer que as danças modernas são como um meio de libertação, um desgaste nem de libertação, m desgaste necessário de energias acumuladas. Contudo, quando a estas razões se alia um exibicionismo quase mórbido, então sim!, sentimo-nos do outro lado da barricada! Nada de exageros; um pouco de dignidade e de compostura não será de mais. O facto de vivermos num século em que tudo é vertigem, não quer dizer que tenhamos de dar ao pé... descalço!



DUAS POSES DA BAILARINA  
MURIEL SMITH

SOLUÇÕES DA PÁGINA 20: 1 — para, rapa, apar. 2 — pato, topa, opta. 3 — tola, lota, tálo. 4 — maço, coma, coam. 5 — ofir, rifo, frio. 6 — Sora, Rosa, soar.  
Pág. 19 — Marièle Dietrich.



## FIQUE-SE COM ESTA!...

Em El Centro (Califórnia), Charles W. Craddock exigiu do seu dentista, uma indemnização de 15.000 dólares. O acusado depois de lhe deixar cair no fundo da garganta um tubo de borracha de seis centímetros de comprimento, aconselhou-o a voltar e «a esquecer o acidente sem importância».

Na aldeia de Forckeim (Alemanha), um indivíduo de trinta e nove anos incendiou a sua própria casa para averiguar se a mulher teria coragem de subir ao telhado com um cântaro de água. A mulher teve-a e ele foi condenado a dezolito meses de cadeia, por fogo posto.

Posto em liberdade, depois de uma detenção de quatro meses no presídio de Turim (Itália), Luigi Capuano voltou para casa e verificou que a esposa desaparecera. Encontrando-a, depois, num hotel próximo, em companhia de um amigo, resolve castigar o sedutor obrigando-o a descer à rua completamente nu, o que lhe vale nova detenção por «conduta imoral», já que obrigou um homem a circular despido pelas ruas da cidade.

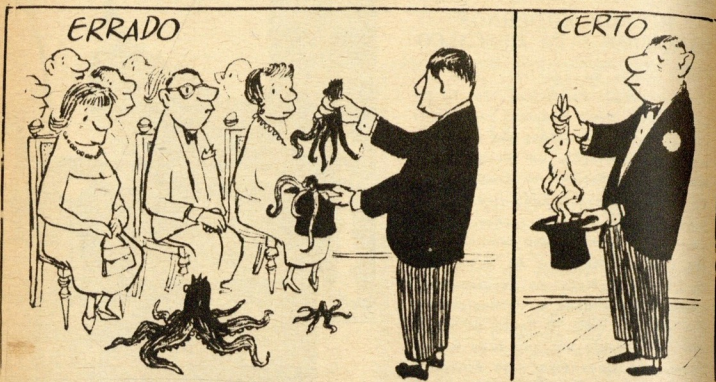
O marido que deseja fazer a grande surpresa à esposa, deve oferecer-lhe um

par de luvas em vez do casaco de peles que ela desejava.

Alegando a sua qualidade de eleitor, um cidadão de East Chicago, Estado de Indiana, USA, pede ao Prefeito Walter M. Jeorse que consiga trabalho para um cunhado, metalúrgico em greve, e justifica o requerimento nestes termos: «Depois que ele deixou de trabalhar, vejo-me obrigado a prover a subsistência de minha sogra, o que acabará por me causar algum aborrecido complexo de inferioridade».

Pelos presentes se conhece o gosto de quem oferece, e pela cara que põe, o gosto de quem recebe.

Apesar dos constantes progressos da técnica, o mais perfeito de quantos «automatos metálicos» se tem construído, foi exibido de 1939 a 1940, em Nova York. A uma ordem oral, o maravilhoso mecanismo, que pesava 130 quilos, executava uma das 26 acções para que fora construído: andava, fumava, contava pelos dedos, e falava, usando um vocabulário de 80 palavras! Na sua construção empregaram-se 24.900 milhas de fio eléctrico.

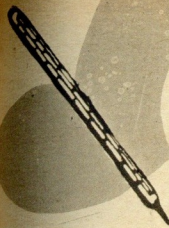


O BOM TOM  
EM SOCIEDADE

As habilidades de tirar animais dum chapéu alto são sempre bem acolhidas. Recomendam-se os coelhos. Animais raros ou repugnantes não entretêm nem são agradáveis.

# O AMOR

## É UMA ENFERMIDADE?



**A** GORA acontece que o amor é uma enfermidade contagiosa como o tifo e seus parentes.

Dá-se a partir de certa idade, adquire matiz violenta e começa logo a piorar. Um agente exterior sob a forma do sexo oposto convulsiona o equilíbrio anímico. A intensidade do estímulo depende da falsa valorização que a incapacidade analítica do paciente possa estimar. É uma lei!

A pessoa doente julga-se o centro do universo, o azar a conduz ao azar e ela repousa por algum tempo. Quando descobre a imoralidade do amor, toda tentativa recidivante, enquistada-se na sua fantasia.

Os primeiros sintomas convulsivos produzem o isolamento voluntário do enfermo. Este vive concentrado e intui a felicidade. Depois de completado o círculo, também vive concentrado e intui a felicidade...

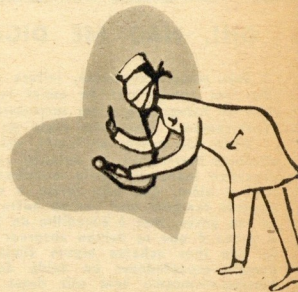
Se falta o vivificante estímulo natural, o doente desespera, compõe versos copiados e vive num suspiro. Em oposição, se percebe que é favorecido, vive num suspiro, continua desesperando e copia e envia versos como próprios. Quando o hábito adormece a enfermidade, o paciente valoriza o fortuito com critério lógico: joga fora os versos, e desvia-se de frases contundentes e comprova que a lógica é uma matéria de quarto ano que pode provar-se.

O quadro clínico mostra o doente desta maneira: olhos lânguidos, brandura, desejos incontrolláveis de agradar. O objecto provocativo domina-o inteiramente... O tempo normaliza a função pesante,

o indivíduo recupera-se e é possível comprovar que o objecto provocativo continua a dominá-lo inteiramente...

Restabelecido do colapso, praticamente inevitável, o ser luta denodadamente, põe-se aborrecido, abandona velhos hábitos e começa a dar conselhos. Passa o tempo e chega a aposentadoria, prémio ao perdido bem. Isso dizem os que sabem....

A. B.







## OH!, NÃO ME DIGA!

Seja sincera conosco, leitora gentil: a nossa revista faz-lhe boa companhia! Só assim se explica o facto do nosso repórter fotográfico a ter surpreendido num cinema da capital, absolutamente alheia ao vazio da sala...

Pode não querer confessar, em público, a preferência pela «Crónica Masculina», no entanto, sempre lhe encontra um poder sugestivo inofensivamente malicioso, com uns laivos de poesia aqui e além, que não ferem a sua sensibilidade delicada. É possível também que um ou outro pormenor não se case bem ao seu gosto, mas é pecadilho de fácil perdão, não lhe parece? A prova é que se deixou absorver pelas imagens e pelo texto. Se não lhes achasse algum aliciante já teria saído com os demais espectadores ou caído definitivamente nos braços de Morfeu — mesmo sem sair dessa poltrona.

## ESTA É da casa

O Mário de Aguiar, bom patrão e melhor amigo, reconhece num dos seus colaboradores algumas virtudes:

— Você é realmente um rapaz de valor. Tem ideias, escreve com brilho, sabe paginar... Mas é um preguiçoso de marca. Raras são as vezes que o vejo aqui de manhã!

— Sabe, sr. Mário — desculpou-se o outro. — O senhor não imagina quanto me custa trabalhar sem comer. É essa a razão por que me levanto tão tarde...

— Trabalhar sem comer? — observou o nosso director-geral. — Por que não faz como eu, que tomo o café às oito?

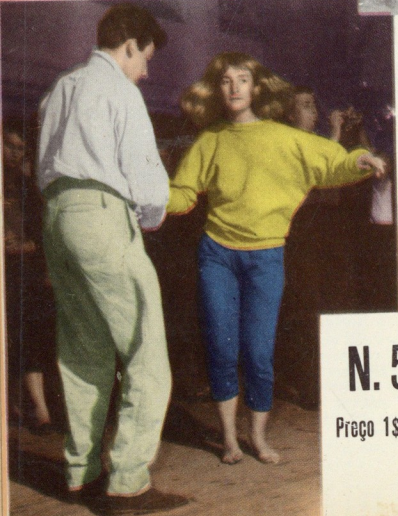
— Pois é!... Mas ninguém me leva o pequeno almoço à cama. De modo que o trabalho de me levantar tem de o fazer em jejum.



# Neste número

... E LÁ SE FOI O ANO ! ...

RITMOS MODERNOS DANÇADOS A PÉ DESCALÇO



**N. 5**

Preço 1\$50

CAMINHARAM VINTE QUILOMETROS